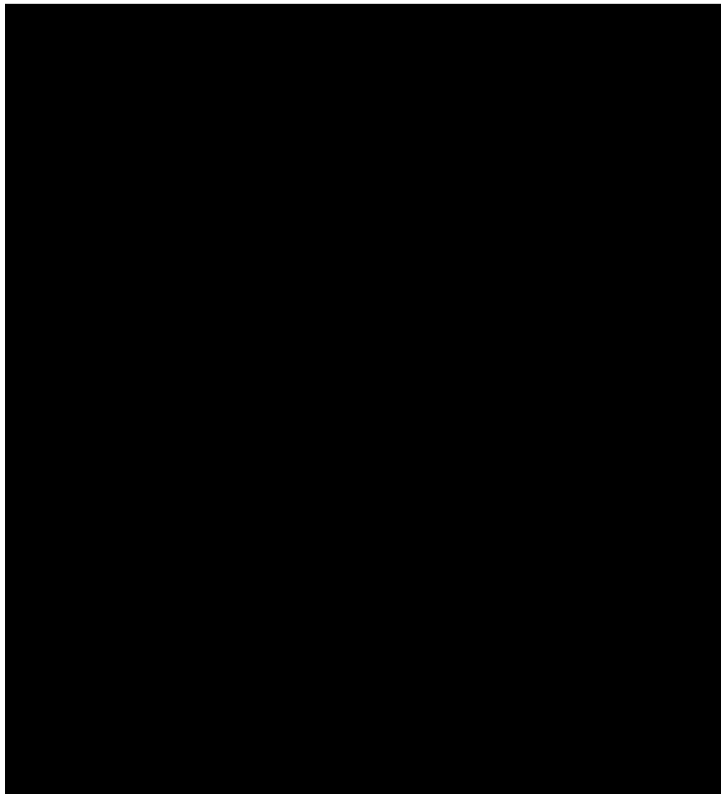




Supremassivo

03

Supremassivo , um mini coletivo que tem como objetivo ocupar ou não, espaços construídos, ou não, dentro e fora da cidade. Deixar a mente refletir sobre as coisas que se passam dentro de nossas cabeças, tomando como pressuposto a impressão do objeto observado, na maior parte das vezes produzido e gerado pela humanidade local. Uma ideia, atribuir à capital mineira novos usos a seus espaços, sejam os últimos antigos, novos ou até mesmo aqueles que não existem ainda. Como um palimpsesto, sobrepomos camadas, ideias e qualquer outro combustível que gere energia mental.

Soroca

A arquitetura moderna brasileira rompeu com "o ideal de a-territorialidade e a-historicidade" (Luccas, 2015.) almejado pelas vanguardas construtivas internacionais no início do século XX. Buscou-se expressar o caráter peculiar da cultura brasileira, acompanhando a modernização econômica, política e social, as quais faziam parte do projeto de desenvolvimento nacional. O modernismo cultural dos anos 1920, que atingiu seu auge nos anos 1930, singularizou as formas de compreensão e representação da realidade brasileira. No final desta década e início dos anos 1940, percebeu-se a diferença entre condição histórica moderna e representação dessa modernidade, sendo esta distinção uma das principais características da era Vargas (1930-1945).





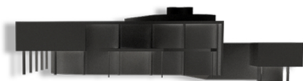
A arquitetura moderna brasileira surgiu de modo peculiar e distinto, favorecido pela absorção de conceitos essenciais à arte e literatura modernas a partir das vanguardas européias e pela destreza de personagens singulares, como Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Lina Bo Bardi, Paulo Mendes da Rocha, João Batista Vilanova Artigas.

Como as origens da arquitetura moderna brasileira estão ligadas a Semana da Arte Moderna de 1922, foi possível o desenvolvimento de uma arquitetura intrinsecamente vinculada à arte, e, por vezes, vista como obra de arte. Solidificaram-se em uma unidade independente, a arquitetura, o paisagismo, a escultura, a pintura, a literatura, alcançando o admirável cálculo estrutural, e dessa maneira, se tornou impossível falar de um sem se lembrar dos demais.





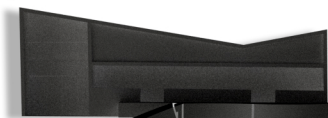
Iate Tênis Clube



MAP - Museu de Arte da Pampulha



Capela Curial de São Francisco de Assis



Casa Kubitschek



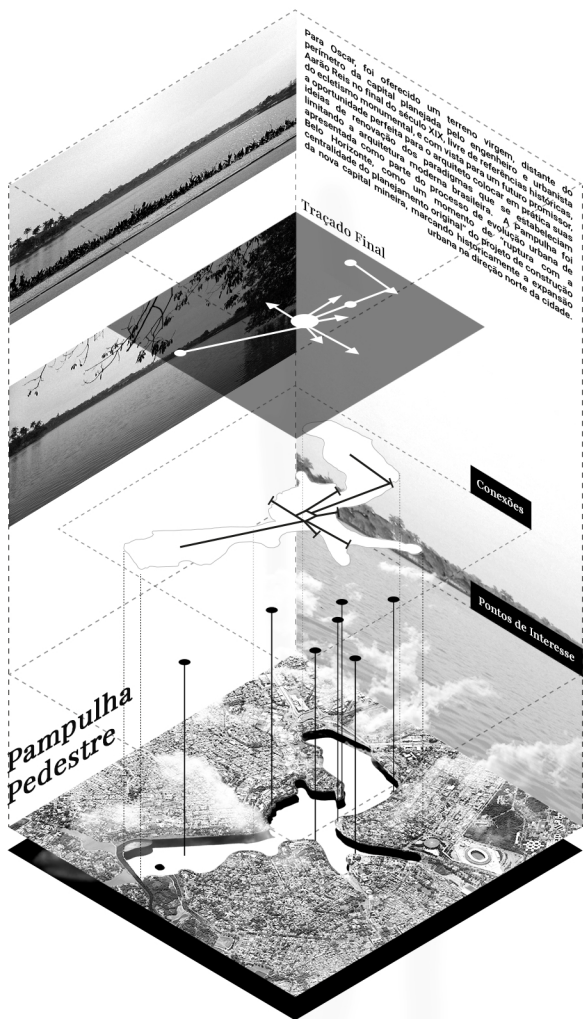
Casa do Baile



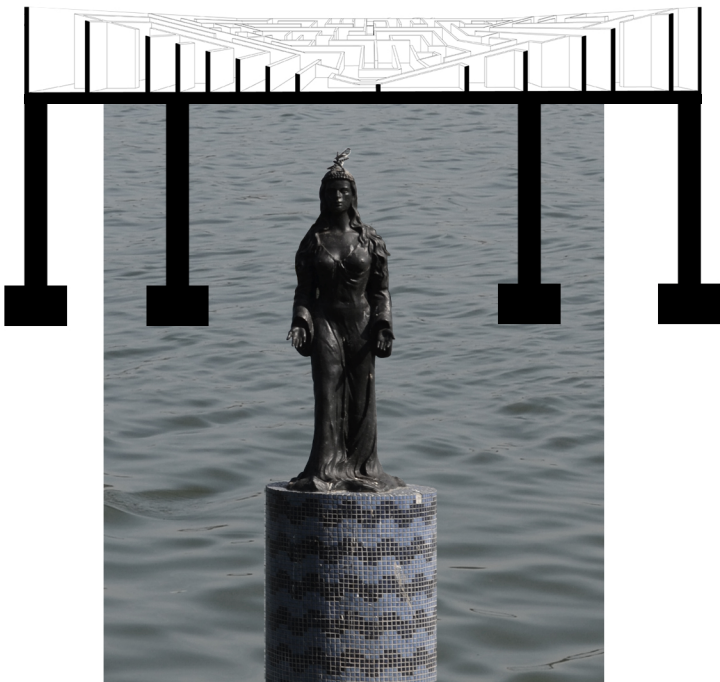
O 'Conjunto Moderno da Pampulha' foi projetado por Oscar Niemeyer, e construído entre 1942 e 1943. Niemeyer, adaptou princípios e ideias de Le Corbusier, ao clima, cultura e geografia do Brasil em sua prática projetual. A idealização do conjunto remete à própria afirmação das identidades nacionais latino-americanas e marca a história da Arquitetura com o uso da curva como expressão da paisagem e da cultura brasileiras. Trouxe inovações tecnológicas propiciadas pela utilização do potencial plástico do concreto, desafiando limites do cálculo estrutural; e inovações paisagísticas, com valorização da flora nativa e composições botânicas de notável expressividade plástica criadas pelo paisagista Roberto Burle Marx. Painéis e murais feitos por Paulo Werneck e Cândido Portinari foram somados às formas esculturais e todo conjunto, evidenciando a integração entre arte e arquitetura.

O complexo, reconhecido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em 2016, é formado pelos edifícios e jardins do antigo Cassino, hoje Museu de Arte da Pampulha, da igreja São Francisco de Assis, da Casa do Baile, que se transformou em Centro de Referência em Urbanismo, Arquitetura e Design; da antiga residência de Juscelino Kubitschek, atual Casa Kubitschek e do late Golfe Clube, atual late Tênis Clube. Segundo o Dossiê de candidatura do Conjunto do Moderno da Pampulha, escrito em 2014, além desses cinco edifícios, o bem é composto pelo espelho d'água e pela parte da orla da lagoa onde os edifícios se encontram. O lago é considerado elemento articulador da unidade do chamado "Conjunto Moderno da Pampulha" (DOSSIÊ: 14).

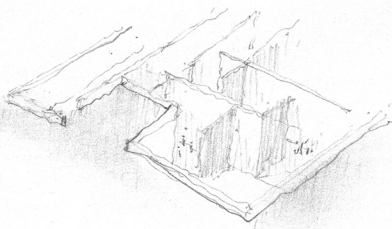




O lago artificial, elemento fundamental e articulador do conjunto, pensado primeiramente para servir de abastecimento para a população que só crescia, foi protagonista da vida ao ar livre, esportes aquáticos, até mesmo a pesca, e teve em sua orla corridas de carro e motocicleta. Os atrativos turísticos e de lazer se desenvolveram num período de grande euforia cultural, criando um novo patamar de riqueza e de consumo na região. A vida cultural era intensa, como convinha a uma cidade urbanizada e moderna, mas os concertos, óperas, peças teatrais, jogos e espetáculos no Cassino, as competições com os automóveis, restringiam-se às camadas economicamente abastadas. Havia uma linha de bonde que possibilitava o acesso ao local, entretanto, não era possível desfrutar de todos os edifícios do conjunto e seus jardins utilizando esse meio pela falta de pontos de embarque e desembarque ao longo da orla. Se esqueceram que nós humanos não andamos sobre as águas e a conexão entre os cinco edifícios só acontecia por meio do uso de carros e motos, objetos de luxo. Porém quando José Synfronini, em abril de 1982, **esculpe** Iemanjá, buscou-se outra conexão. Talvez um convite para adentrarmos nas águas da Pampulha e nos perdermos ali dentro agraciados pelas bençãos da grande Mãe D'Água, Iemanjá.



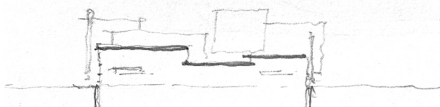
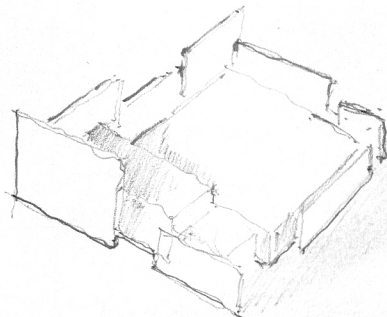




- Edifício Cassino
(submerso)

- Alvo Bomby.

Com a proibição dos jogos no final da década de 1940 e o rompimento da primeira barragem em 1954, a efervescência cultural no conjunto sofreu um grande impacto. O Cassino e a Igreja foram fechados temporariamente, a lagoa começou a apresentar sinais de assoreamento, eutrofização e de mortandade de peixes, verminoses como a esquistossomose eclodiram. Não tardou muito para a estação de tratamento ali presente ser interrompida, sepultando definitivamente o objetivo da lagoa de servir para o abastecimento da população. A lagoa foi do remo, pesca e outros esportes náuticos à "penico da conurbação Belo Horizonte - Contagem" (Carsalade, 2007), somente sedimentos e esgotos eram e seguem sendo encontrados ali.

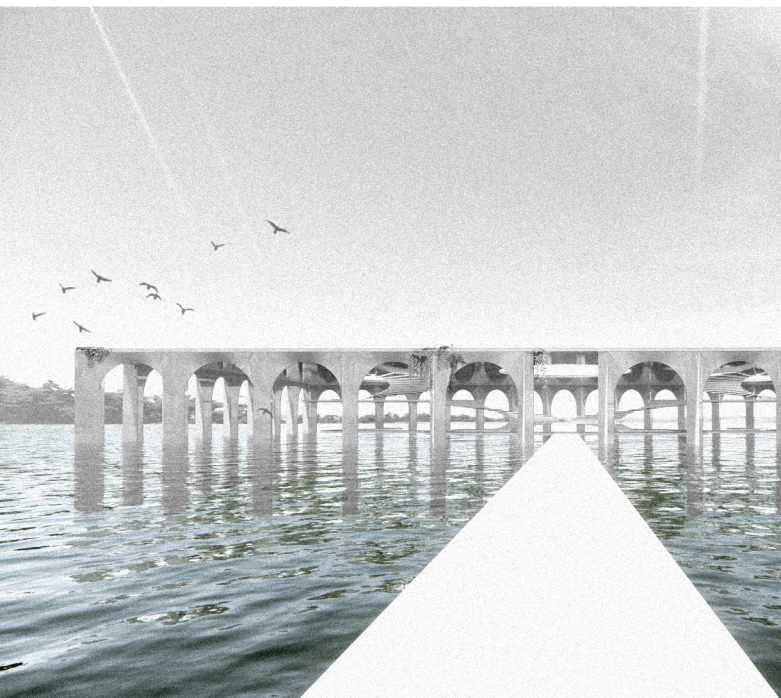


O primeiro tombamento realizado para o conjunto da Pampulha foi a nível estadual em 1984 pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, IEPHA-MG. Em 1997, todo conjunto foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Em outubro de 2003, foi notificado oficialmente o tombamento definitivo do bem denominado "Conjunto Urbano Lagoa da Pampulha e Adjacências" pela Fundação Municipal de Cultura e pelo Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural do Município de Belo Horizonte (CDPCM-BH). Ainda na década de 1990, o conjunto foi **incluído** na lista indicativa de bens brasileiros candidatos ao título de Patrimônio Mundial da UNESCO, mas somente em 2016 o "Conjunto Moderno da Pampulha" foi reconhecido como Patrimônio Mundial da UNESCO. O bem atendia aos três critérios exigidos pela instituição para receber este título, ser uma obra-prima do gênio criativo humano; exibir um evidente intercâmbio de valores humanos que teve impacto sobre o desenvolvimento da arquitetura; e ser um exemplar único de conjunto arquitetônico ou paisagem que ilustre um estágio significativo da história humana.

Uma vez que o conjunto ganhou esse reconhecimento internacional, caberia também às três instâncias administrativas, federal, estadual e municipal valorizar, conservar e divulgar o patrimônio da humanidade, mas poucas ações e medidas foram adotadas nos anos seguintes e até os dias de hoje, para garantir a preservação do bem e incorporá-lo realmente a comunidade local.



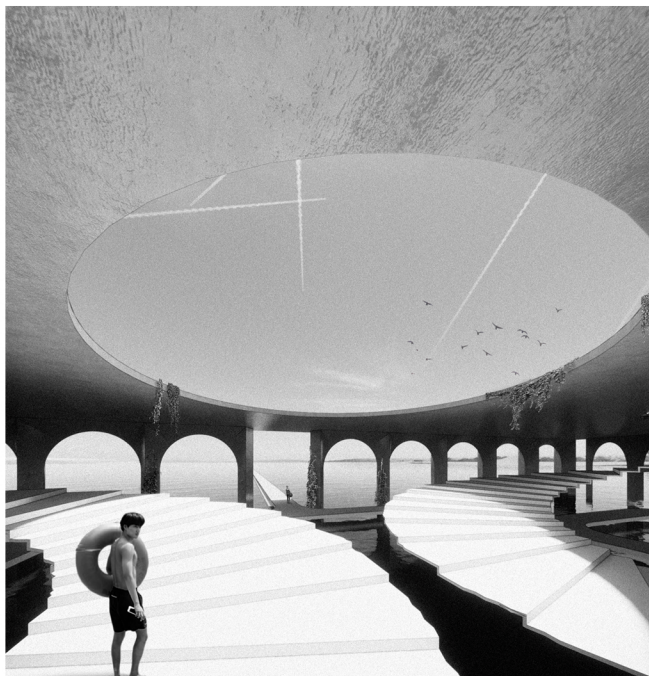
dançar sobre a água e planos modernistas.







Os problemas com o lago artificial e sua orla se tornaram crônicos e mesmo depois do tombamento eles persistem até hoje. Pouco ou nada se viu de ações por parte de alguma instância administrativa para melhorar a qualidade da água da lagoa, requalificar sua orla para o uso comum do cidadão beloizorizontino e turistas.







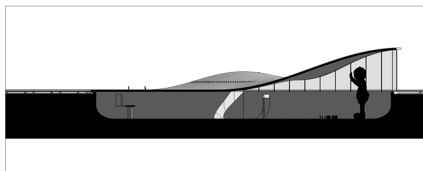
A Pampulha como símbolo da modernidade e do progresso de Belo Horizonte provocou uma mudança na paisagem rural do seu entorno com a sua construção. Avenidas foram pavimentadas, colocaram-se linhas de ônibus e linhas especiais de bonde saindo da Praça Sete, que rodaram até a década de 1960. Desta maneira, o acesso ao Conjunto já estava definido, se daria por meio do transporte público ou do automóvel. Uma vez que o transporte público falhasse em relação à oferta de linhas e horários de circulação das linhas, e paradas ao longo dos 18 km de orla, o uso do conjunto se restringiria ainda mais.

E essa foi a realidade observada por moradores locais ao longo do século XX, as falhas de integração da rede pública de transporte para a Região da Pampulha, fizeram com que o Conjunto permanecesse na memória da comunidade local apenas como o cartão postal da cidade. A cartografia favorável à prática de ciclismo, caminhadas e corridas definiu o público que mais utilizou e segue utilizando a orla da lagoa. Em alguns pontos só se chega de carro ou de bicicleta, não existe uma integração entre os 5 edifícios que compõem o "Conjunto Moderno da Pampulha". A lagoa que foi concebida como elemento articulador do conjunto passa a ser o elemento que inviabiliza totalmente o acesso do pedestre às belíssimas construções.

É evidente que o reconhecimento do conjunto e a potencialização do seu uso só se darão quando a lagoa voltar a ser a estrela principal do mesmo, suas águas limpas, efervescência cultural local, figurando uma saudação às gloriosas décadas da era modernista belo-horizontina. Incluir novamente o lago artificial na vida urbana, tornando mais acessível e próxima a relação dos cidadãos com a água, transformaria a maneira de como ela é vista, de problema para a higienização da sociedade para viabilizadora de regeneração da vida urbana e socialização.

A falta de integração do "Conjunto Moderno da Pampulha" com o resto da cidade também é observado nos eventos culturais promovidos e divulgados pela prefeitura. Eventos no "Círculo Liberdade", programa criado em 2010 atualmente gerido pelo Iepha-MG, e na região Centro-Sul sempre tiveram campanhas de divulgação nos meios de comunicação em massa, enquanto pouco ou nada se escuta falar sobre possíveis eventos na Casa do Baile, Museu de Arte da Pampulha e seus arredores, desde o início do processo de tombamento até os dias de hoje.

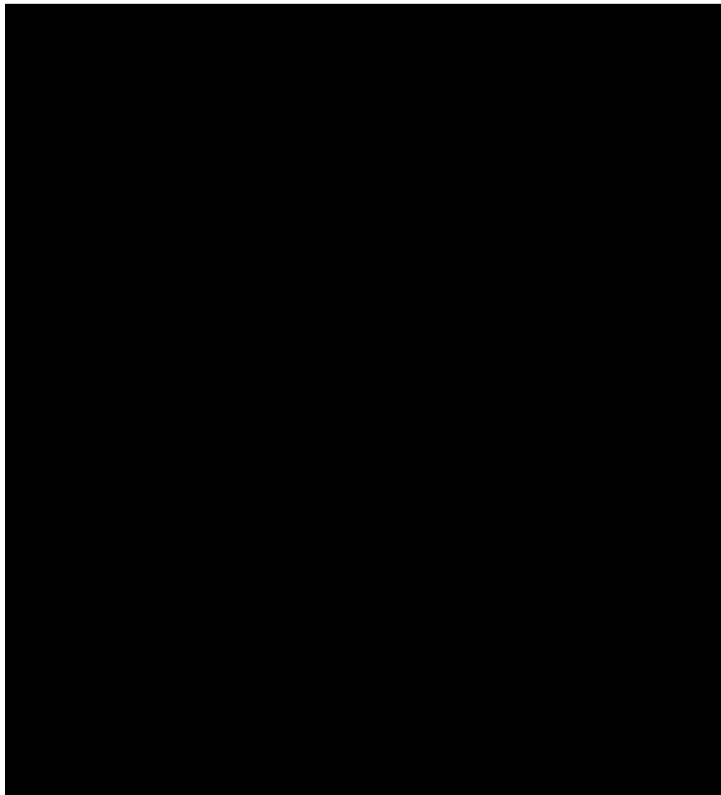




A Pampulha seria uma nova tentativa para a realização de uma cidade idealizada, mas sua construção serviu à desagregação social, excluindo interesses daqueles que ali viviam. Se um espaço público não reflete as demandas e desejos da população local, ele deixa de cumprir seu papel, não será utilizado e mantido, como acontece com o "Conjunto Moderno da Pampulha". É preciso levar em conta as dinâmicas sociais locais, dando espaço para a comunidade local se expressar, criar, dançar e cantar nos platôs e planos modernistas. Afinal, nós disseram que o modernismo também foi um movimento social marcado pela quebra de formalismos, de valorização da experimentação, da liberdade de expressão e aproximação da linguagem popular.

Soroca





Supremassivo

03